



7

A África do Sul e seu cabo mais importante

Cape Town está sendo nossa primeira experiência metropolitana na África do Sul. A bem da verdade, o melhor adjetivo que me ocorre para essa cidade é cosmopolita. Ela não me pareceu tão grande e complexa, que se possa aplicar adequadamente o conceito de metrópole a ela, no entanto, transpira esse cosmopolitanismo (será que há essa palavra, Marilu?) muito próprio de uma cidade que há cinco séculos tem sua situação geográfica, como objeto de interesse, dada sua posição estratégica, ao sul deste enorme continente.

Foi a primeira cidade a ser fundada na África do Sul e se encontra bem na entrada da península do Cabo, em cujo extremo sul estão Cape Point e Cape of Good Hope, o nosso tão conhecido Cabo da Boa Esperança (quem não se lembra disso dos livros didáticos de Geografia e de História?).

Essa situação geográfica estratégica torna Cape Town, suponho eu, propícia à imigração. O café da manhã, no Fountains Hotel, um grande estabelecimento localizado bem no CBD da cidade, onde nos hospedamos, remeteu-me à metáfora “Torre de Babel”. Havia muita gente ao mesmo tempo (talvez 150 ou 200 pessoas tomando a primeira refeição simultaneamente) e as línguas, as cores de pele, os formatos de olhos, as estaturas e as roupas denotavam que era gente vinda dos quatro cantos do mundo.

Turistas? Sim, os trajes esportivos e espalhafatosos de alguns confirmam que havia muitaaaaaaa gente dessa tribo. Não, não estranhe minha classificação, os turistas compõem uma tribo, porque não importa de onde venham, falam alto quando estão em grupo, fotografam tudo, vestem-se alegremente e estão dispostos a viver cenas interessantes e/ou ridículas, sendo o limite entre uma e outra situação muito difícil de ser percebido.

PRINCIPAIS ATRAÇÕES

Edifícios Históricos

Iziko Groot Constantia

págs. 100-1 10

Mostert's Mill 13

Rhodes Memorial 14

South African Astronomical
Observatory 15

Parques e Jardins

Kirstenbosch National Botanical

Garden págs. 104-5 11

Ratanga Junction 16

Subúrbios

Green Point e Sea Point 1

Riviera do Cabo 2

Hout Bay 3

Noordhoek 5

Simon's Town 7

Fish Hoek 8

Muizenberg 9

Newlands 12

Reservas Naturais

Cape of Good Hope








Nature Reserve 6

Passeios de Carro

Península do Cabo 4

20 km = 12 miles

LEGENDA

	Principal área turística
	Área construída
	Limites de reservas
	Aeroporto internacional
	Rodovia
	Estrada principal
	Estrada secundária



Nesse mapa, pode-se visualizar bem a extensão do cabo e a posição estratégica de Cape Town, voltada para uma pequena baía. No começo, não estendíamos bem a posição do sol em relação à cidade, porque tínhamos na cabeça que seria uma cidade voltada para o sul. No entanto, vendo essa representação verificamos que ela se volta para o norte e, portanto, para os navios que chegavam e chegam da Europa, pelo Atlântico.

Mas, havia também homens de terno e mulheres de trajes institucionais. O que são trajes institucionais? Essas roupinhas comportadas, *tailleurs* ou similares, todas basiquinhas que as mulheres que trabalham em empresas e ocupam certos cargos usam, acompanhadas de suas bolsas de *griffe* e de suas pastas com *lap tops*.

Apesar de se reconhecer, primeiramente, esses dois grupos – os turistas e o pessoal que viaja a trabalho – pode-se falar de vários subgrupos, no que se refere aos que estão a passeio.

Os japoneses, em maior número, chamam logo atenção: os mais velhos, com seus chapéus que apelidamos no Brasil de cata-ovo; os mais jovens com seus cabelos super modernos (muitos com mechas azuis ou *pink*) e suas roupas Calvin Klein ou Kenzo. Não importa a idade e o sexo, todos se acompanham de malas maravilhosamente eficientes (eles vão empurrando aquelas gigantescas malas como se elas pesassem 3 kg) e mil equipamentos fotográficos. Sim, equipamentos, porque nós mortais comuns temos máquinas fotográficas, eles têm maravilhosos equipamentos, que lhes exigem uma bolsa de tamanho médio, somente, para carregar as objetivas. As japonesas gostam de se deixar fotografar. No geral, fazem poses todas especiais, algumas das quais como se fossem bonequinhas: inclinam o pescoço para o lado, fazem boquinhas, aumentam as piscadas dos olhos etc.

Os muçulmanos, na maior parte dos casos, estão vestidos à moda ocidental, enquanto suas mulheres estão com seus trajes recatados, todas com as pernas, os braços e a cabeça encobertos. Elas ficam com os filhos no colo, enquanto eles tomam calmamente o café da manhã, depois em 3 minutos elas se alimentam (evidentemente, há uma enorme diferença entre tomar o café da manhã e, apenas, alimentar-se).

Havia muitos hindus no hotel e vimos que eles têm grande influência na África do Sul, nessa área de Cape Town. Estão por toda parte e há elementos da culinária hindu na culinária sulafricana, com destaque para o curry que é um tempero importante, e me pareceu que substitui o sal, pois não dá para sentir a presença deste nas comidas,

mas sim a daquele. No geral, os hindus estão falando inglês, que entendemos melhor do que o praticado pelos africanos do sul. Esses hindus, hospedados no hotel falavam todo tempo ao celular, por isso fiquei em dúvida se eles compõem o grupo dos turistas ou estão a negócios.

Os europeus com suas bermudas de bolsos grandes (homens e mulheres), suas sandálias esportivas de solado grosso que, geralmente, usam com meias, e suas malinhas pequenas (não precisa mala grande porque eles trocam pouco de roupa) estavam, por todo lado, nesse café da manhã. No geral, estão avermelhados porque é verão e eles aproveitam, ao máximo, um produto raro na Europa – o sol. Pelas falas, eu reconhecia os franceses, os holandês e os da Ilha da Grã-Bretanha (sim da Ilha, porque encontramos escoceses que inicialmente achávamos que eram ingleses; além disso, quando são americanos se vê ao longe, porque costumam usar meias brancas com sapato, além das camisas floridas, como se todas as viagens internacionais fossem para o Hawai).

O impressionante é que não importa de onde vinham, comiam muito. Eliseu e eu, apesar de comer muito mais do que em nosso café da manhã, no Brasil, diferenciávamo-nos porque, em nossa mesa, tinha sempre a metade do que havia nas outras mesas mais frugais. Para se ter uma idéia, não se usa prato de sobremesa no café da manhã da África do Sul, mas prato grande, raso ou fundo, e todos aproveitam, ou seja, verdadeiramente eles almoçam.

Nosso primeiro contato com Cape Town havia sido, na noite anterior, logo após nossa chegada, quando fomos conhecer o Waterfront. A área do antigo porto foi toda revitalizada para novos usos, a exemplo do que ocorreu em Barcelona, Lisboa, Buenos Aires ou Belém, para citar algumas políticas de recuperação urbana que temos visto nessas viagens por aí.

No caso de Cape Town, a área de revitalização é enorme e, como era o Dia dos Namorados (Valentine's Day), havia muita gente usufruindo aquele espaço. Havia gente de toda idade. Alguns apenas andando, outros sentados nos bancos, outros

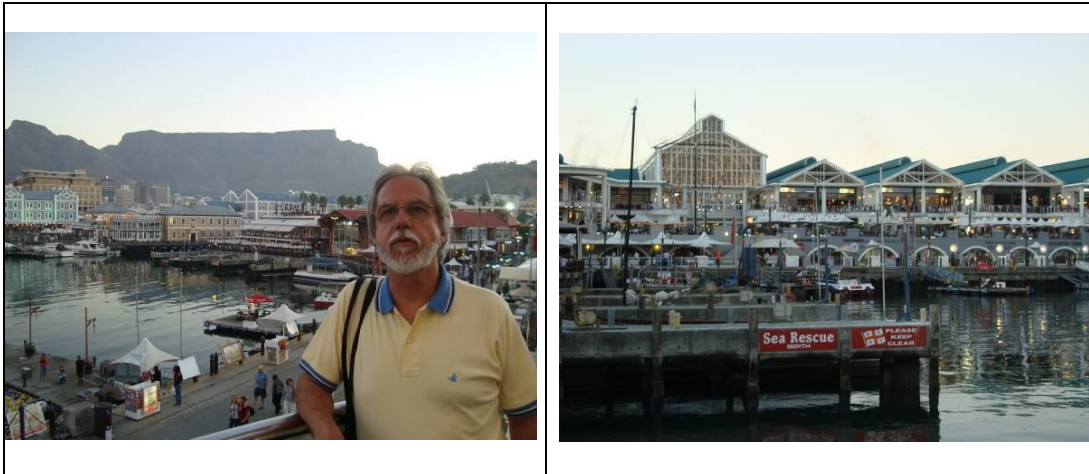
nos restaurante e outros nos *pubs*. Os *pubs* são uma instituição na África do Sul pois, pelo que vimos, os brancos sobretudo (suponho eu) em função do poder aquisitivo, passam sempre por esses pubs (muitos são caprichosamente decorados) para beber um vinho rosé ou branco (não reparei ninguém tomando tinto), um whisky ou um licor (de preferência Amarula, que é corriqueiro na África do Sul). Os restaurantes, no geral, têm ambientes na entrada que são os pubs e, muitas vezes, esses balcões com seus bancos altos, estão anexos ao pátio, onde em mesinhas, grupos pequenos ou grupos grandes, tomam suas bebidas e conversam muito.

Aliás, esse negócio de se falar muito, aqui na África do Sul, não se aplica somente aos negros. Os brancos também conversam muito e alto. No começo, isso até chamava muita atenção porque, na Europa, onde estão seus ancestrais, nunca se fala muito e tampouco se fala alto em ambientes de frequência pública, exceto na Itália. Bem, nós brasileiros do sudeste, aprendemos a falar alto e exageradamente com os italianos. E os sulafricanos, com os holandeses?

Do ponto de vista arquitetônico e urbanístico o Waterfront de Cape Town não me agradou tanto quanto as soluções vistas no Puerto Madero, em Buenos Aires, para citar um exemplo. Pouco foi aproveitado das edificações portuárias originais (pelo menos essa é a impressão que fiquei e merece apuração melhor). Muita coisa nova foi edificada, por meio de sistemas construtivos modernos que combinam estruturas em ferro (pintadas de branco), muitos avarandados separados dos ambientes fechados dos restaurantes, por enormes panos de vidro, tudo isso com o piso em madeira.

É bonito, mas extremamente poluído visualmente, porque esses materiais de diferentes origens utilizados nas novas construções, combinam-se com as velhas edificações pintadas de branco e verde claro (será que era azul claro? estou com essa espécie de daltonismo da Josefa que, por conveniência, não sabe quando as festas das boíssimas são com roupa verde ou com roupa azul), por cima, misturam-se com muitos pequenos *out doors* na frente dos estabelecimentos e pelo meio do caminho.

Havia muita genteeeeeeeeeeeeeeeeeee! Insisto com essa informação. De todas as idades e de todas as raças (no restaurante que comemos, havia, até mesmo, uma mesa com dois casais de brasileiros, que também falavam muito alto e bebiam muita cerveja). Eliseu não resistiu e pediu um “copinho” discreto de *beer*.



Acima, duas tomadas do Waterfront de Cape Town. Na foto da esquerda, ao fundo, bem ao fundo (faça um esforço para ver na extrema esquerda) estão as edificações originais do porto, adaptadas para novos usos. Na foto da direita, estão as novas construções em ferro branco. Como vocês vêem, houve um esforço de reproduzir nas novas construções o desenho da fachada das anteriores e, talvez, tenha sido isso que não tenha me agradado. Abaixo, Eliseu com sua cervejinha, à direita, e em frente às placas que, no Waterfont, indicam a distância de várias cidades do mundo (reparem que o Rio de Janeiro está a 6061 km).





Essas últimas fotos do Waterfront mostram, à esquerda, eu na varanda de uma das novas edificações, tendo ao fundo um transatlântico que estava atracado no porto; à direita, um dos três relógios em torres que são os pontos de referência, utilizados para localização nessa área de revitalização urbana.

Nossa segunda-feira em Cape Town foi dedicada ao roteiro pela península que está ao sul da cidade. Pelo que pude depreender, toda essa área corresponde à mesma municipalidade de Cape Town e boa parte dela compõe uma grande área preservada – **a Cape of Good Hope Nature Reserve**. Essa península tem, em sua parte mais extrema à oeste, a ponta, chamada por Bartolomeu Dias como Cabo das Tormentas e rebatizada por Dom Manuel I, rei de Portugal, como Cabo da Boa Esperança. No entanto, essa ponta não é a que mais avança na latitude sul da península e sim o *Cape Point*, que depois vamos mostrar nas fotos. Voltando ao mapa, o Cabo da Boa Esperança não estão onde se escreve esse nome, mas sim logo à oeste do Cape Point, pois de um podia se ver o outro com facilidade.

Tampouco Cape Point é o extremo sul de toda a África, distinção que cabe ao Cabo das Agulhas, que é divisor, por definição, entre as águas do Oceano Atlântico e as do Oceano Pacífico. Passamos por esse cabo no trajeto da Route Garden, mas somente depois é que tivemos conhecimento da sua posição extrema ao sul e de sua condição de divisor entre os dois oceanos. O fato é que o Cabo das Agulhas não ficou tão famoso. O desafio representado pelo Cabo das Tormentas/da Boa Esperança e sua fama são compreensíveis, porque dá para imaginar como foi difícil para Bartolomeu

Dias ultrapassá-lo, uma vez que, passeando por essa península, sente-se todo o tempo, o quanto o vento é forte. Tanto sentimos esse vento, no dia que fizemos o percurso, como denotam a vegetação pouco abundante e com os galhos sempre tomados na direção que sopram os ventos do Atlântico para o continente. De fato, uma caravela portuguesa, no final do século XV, deveria parecer uma casca de noz em meio às tempestades.

Nosso percurso, por essa península, começou ainda em Cape Town, onde fomos passando de carro pela *Main Road* e, depois, pela *Beach Road*, conhecendo áreas residenciais de padrão médio para alto, onde a verticalização parece ter se iniciado nos anos de 1960, mas se intensificado nas últimas duas décadas, suposição que faço pelos estilos arquitetônicos que dão testemunho naquela beira mar.

Como o vento é muito forte e, em boa parte, do percurso, não se vê a formação de praias, o que se conclui é que a localização à beira mar, vale pela vista e não propriamente pela possibilidade de banhos de mar. A água bate com força em rochedos e fragmentos menores de rocha que estão ali há milhões de anos. As ondas sobem com muita beleza, mas a espuma que se forma, um pouco parda, permite concluir que a baía, onde graciosamente se assenta Cape Town, é bastante poluída.

Alguém, alguma vez, comparou três cidades sulafricanas a três cidades brasileiras: Cape Town ao Rio de Janeiro; Johannesburg a São Paulo, Pretória a Brasília. Do ponto de vista das funções que desempenham ou desempenharam, a comparação é muito válida. De fato, Cape Town é uma bonita cidade litorânea, que foi fundada em importante sítio para assegurar o domínio holandês, tanto quanto a fundação do Rio de Janeiro se associa ao interesse português de demarcar sua nova possessão colonial, tendo o sítio urbano e a situação geográfica se prestado muito bem a tal.

É verdade que Johannesburg é a capital econômica do país. Seu enorme e muito bem equipado aeroporto internacional e o grande número de vôos que dali parte, diariamente, para todo lugar do mundo, como pudemos ver nos painéis de *departs*, confirmam a comparação cabível com São Paulo. Essa “equivalência” entre as duas

cidades não se aplica aos aeroportos, porque Guarulhos não chega aos pés do Aeroporto de Johannesburg e o governo brasileiro que se adiante para melhorar sua infraestrutura para a Copa de 2014.

Pretória, tanto quanto Brasília, foi planejada para ser capital do país e favorecer a interiorização da ocupação (pensada do ponto de vista branco, é claro, porque as nações negras estavam aí há séculos e séculos).

Nada posso avançar no que se refere à comparação entre Pretória e Brasília, porque não cheguei a conhecer a capital da África do Sul. Tampouco posso aquilatar a intensidade dos papéis econômicos de Johannesburg, onde ficamos muito pouco. No entanto, quanto a Cape Town posso afirmar que é mesmo uma cidade muito graciosa, muito bem posicionada de frente para sua linda baía e defronte da pequena cadeia montanhosa que lhe serve de moldura, com destaque para a Table Mountain. No entanto, longe de considerar que seja bonita como o Rio de Janeiro.

Não, não é nacionalismo exacerbado não. Quando tive a oportunidade de uma entrevista com François Ascher, em 1995, renomado urbanista francês que, no ano passado, morreu ainda em pleno vigor intelectual, sabendo que eu era brasileira, ele me cumprimentou, dizendo: “Você vem do país onde está a cidade mais bonita do mundo – Rio de Janeiro!” E eu sou paulista, hem? O que seria capaz de atestar a favor dessa cidade, se fosse carioca?

Mas, voltemos às descrições do roteiro: ao longo da Beach Road, à medida que nos afastávamos do centro de Cape Town, os edifícios iam sendo substituídos por residências, de alto padrão, muitas delas incrustadas nos rochedos. A via seguia sinuosa acompanhando o desenho do litoral, apertando-se entre o mar, à direita, e as casas que, à esquerda, olhavam para o Oceano Atlântico, em direção ao Brasil (não, é claro, que não dava para ver o Brasil, é só um modo de não ter que escrever de leste para oeste, que seria o correto).

De vez em quando, a rodovia se alargava um pouco, diante de uma cidade balneária, onde se viam hotéis de veraneio, bem como casas e apartamentos que, suponho, sejam de segunda moradia. Dois destaques são merecidos nesse litoral oeste da península.

O primeiro é Noordhoek, uma extensa praia, em que o mar forte não permite que haja banhistas, mas favorece o surf e outra prática que não imaginava que houvesse por aqui – as cavalgadas na areia. Entrando na cidadezinha logo confirmamos a prática desse esporte pelo grande número de clínicas veterinárias que observamos ali (depois, vi que há essa mesma prática nas Ilhas Maurício).

O segundo destaque dessa faixa oeste da península é a pequena Hout Bay, cidade que é abraçada por enorme penhasco, onde está o Chapman's Peak, do qual se avista o litoral e a pequena baía, o que é simplesmente divino! (tudo bem que a Costa Amalfitana, na Itália é mais badalada, tem história e lindos restôs, mas as vistas propiciadas pela rodovia que dá acesso a Chapman's Peak são, do ponto de vista natural, mais bonitas....), O incrível foi observar que, na entrada de Hout Bay, havia uma grande área de favelização. Supus que ali deveriam morar, inclusive, pessoas que trabalham em Cape Town, pois a distância entre as duas cidades é de cerca de 35 km.





Foi incrível observar a obra de engenharia para construir a estrada contornando o Chapman's Peak, pois, de fato, passávamos entre as rochas, abertas para a rodovia, bem como abaixo delas.



Ao final, desse percurso em direção ao sul, pela costa oeste da península, entramos no *Cape of Good Hope Nature*. Até chegarmos à guarita onde se compram os ingressos a essa reserva natural, não se percebia que havia tanta gente, numa segunda feira, fazendo turismo, mas as filas nos dois guichês nos fizeram vislumbrar o que encontraríamos na subida ao ponto mais alto da península.

De fato, é uma reserva lindíssima (no mapa é a parte que está colorida com um verde um pouco mais escuro), porque à medida que se caminha mais para o extremo sul, a altitude vai se elevando e vamos avistando o mar de uma altura maior (de novo, vem a imagem de que a caravela era uma casquinha naquele oceano revolto, que tanto atormentou portugueses - e depois holandeses, ingleses, franceses... - em seu caminho para as Índias).

A essa altura do passeio, Eliseu já se comportava alegremente como um menino de 10 anos (às vezes, parecia de sete), diante da possibilidade de vislumbrar o famoso, conhecido, estudado, Cabo da Boa Esperança. Afinal, não é sempre que um fato é, ao mesmo tempo, de grande importância geográfica e histórica. Ele se lembrava do dia em que estivemos, com Caio e Ítalo, Marilu e Dióres, Silvana e Messias, sentindo emoção parecida ao vislumbrar o Estreito de Magalhães, a partir de Ushuaia, cujo codinome é “cidade do fim do mundo”, no extremo sul da América do Sul.

Pronto! Estávamos nós diante do sul da África, olhando para a Antártida (claro que também não nada para ver, mas a gente olhava assim mesmo). O Cabo da Boa Esperança é justamente o ponto de convergência entre as massas que vêm pelo Atlântico Sul e aquelas que, fazendo círculos no sentido contrário, são oriundas do Índico Sul, sendo essa justamente a explicação para a dificuldade de navegar, ultrapassando esse cabo.

Exatamente, no momento em que estacionamos o carro, a chuva começou a cair e, mesmo havendo a possibilidade de subir até o cume do rochedo por van, preferimos subir a pé (quero dizer, Eliseu preferiu e eu como uma boa companheira de viagem, aquiesci e vi que valeu a pena). As paisagens lindíssimas e a falta de ar com que cheguei lá em cima são indescritíveis.

A chuva ia aumentando, à medida que chegávamos mais perto do topo e os ventos fortes insistiam em levá-la para dentro do capuz e por trás dos óculos que nos protegiam. Havia gente de muitos países fazendo a subida, com destaque para os japoneses que, apesar da chuva, paravam para montar suas enormes objetivas, em seus maravilhosos equipamentos fotográficos (nesse caso, também, mesmo com a chuva as japonesas iam fazendo suas poses como se fossem figuras de um teatro do século XIX).

Se houver alguém lendo esse diário, que me desculpe, pela quantidade de fotos, tomadas nessa parte que insiro aqui, porque como boa libriana estou balançando para lá e para cá para decidir quais seriam as melhores. Acho que, no fundo, é para registrar que foi mesmo emocionante, tanto ver o cabo, como o Eliseu olhando, como um menino, para o cabo.

Havia ali 500 anos nos espiando e um pouco de orgulho de nossos ancestrais portugueses que se aventuraram por esses mares chegando àquele cabo, bem como às Índias e à costa leste da América, originando o Brasil, num interregno de pouco mais de 10 anos, sem telefone, sem avião a jato, sem internet, sem GPS, sem capitalismo ainda totalmente constituído. Sem essa coragem portuguesa, o

Mercantilismo, depois melhor aproveitado pelos holandeses e ingleses não teria se dado como se deu (já sei, Dióres, que em História não tem “se”, mas esse não é um livro de História e sim, apenas, um diário de viagem).





Acima, à esquerda, as informações relativas à construção do farol que está no alto do pico e à direita, Eliseu tendo, ao fundo, o Cabo da Boa Esperança.

Aqui, ao lado, ele diante das placas indicando a distância de várias cidades no mundo (eu foquei para destacar o Rio de Janeiro a 6.055 Km, mas chovia muito e a foto não está boa).

Abaixo, à esquerda, eu no ponto mais alto e à direita, a vista de uma parte do caminho de volta, bem mais agradável de ser feito do que a subida (foi pena não ter me lembrado de fazer a foto quando começamos a descer).

A última foto é do Eliseu, tendo bem ao fundo, à direita o Cape Point.





CAPE POINT
CAPE TOWN · SOUTH AFRICA

Acima e abaixo, vistas completas de Cape Point



CAPE POINT
CAPE TOWN - SOUTH AFRICA

Já fazendo o caminho de volta, ainda na reserva, fomos presenteados pelos pequenos bandos de babuínos que resolveram brincar na rodovia. Eles não estavam nem aí para nós, mas também ninguém teve coragem de abrir o vidro do carro, porque eles pulam rápido e, segundo a descrição do guia, podem ficar bravos.



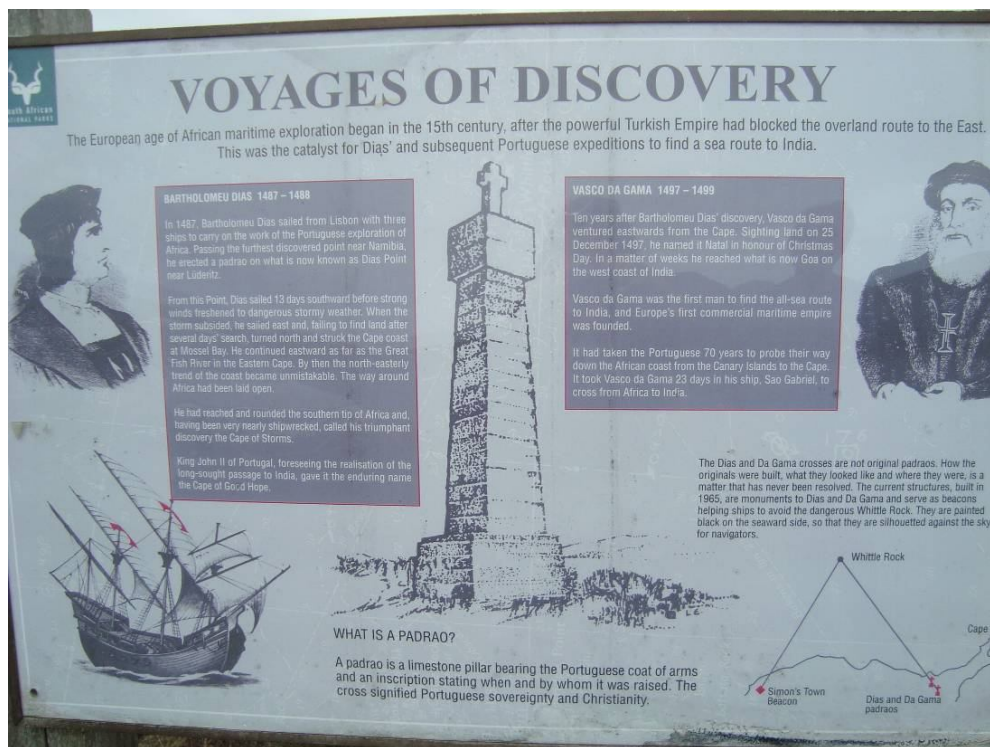
Vejam a folga dos beduínos, mostrando para nós, humanos, que a reserva é deles.



Antes de deixarmos a reserva, Eliseu viu um pequeno acesso que se desviava da via principal, sem qualquer indicação turística, e resolveu se aventurar até lá. Deparamo-nos com um pequeno monumento à chegada portuguesa àquela costa. Denomina-se essa marca relativa a um ponto de chegada, como um “padrão”, demarcação mais perene que se sucede à primeira, que geralmente corresponde ao fincar da bandeira. Assim, o seu significado era de demarcar o território como pertencente à coroa portuguesa. O monumento era bonitinho e significativo para nós que, também somos herdeiros dessa colonização lusitana.



Acima, à esquerda, Eliseu tendo ao fundo, ao longe, o Cabo da Boa Esperança; à direita, a parte superior do monumento, com o escudo de Portugal. Na página seguinte, à esquerda a referência à Bartolomeu Dias, por ter dobrado o cabo, em 1488; à direita o monumento completo. Ao final, um zoom do painel explicativo com as informações relativas ao feito português.



A tomada daquele caminho secundário, também valeu a pena pela cena inusitada que assistimos. Enquanto o Eliseu lia as inscrições ao pé do monumento, eu batia algumas fotos, até que, na minha objetiva, apareceu uma senhora gorda vestida de

vermelho, toda equipada com uma super máquina fotográfica (não apesar de ser uma super máquina, logo vi que ela não era japonesa, porque era bastante gorda e espalhafatosa, com os cabelos crespos ao vento). Supus que a senhora fosse alguma artista, fazendo seus registros daquelas lindas paisagens, mas nada disso. Em segundos, comecei a chamar o Eliseu para que ele compartilhasse o que eu assistia: um casal vestido com trajes típicos holandeses do século XVII (os mesmos que eu havia visto nos museus nos dias anteriores); ele de calças curtas, com suspensório verde todo enfeitado e chapeuzinho de feltro (desses que associamos à Bavária, mas são típicos também da Holanda); ela portava um vestido comprido, de mangas curtas bufantes, ao qual se sobrepunha um avental longo (meu Deus, não observei se ela estava de tamancos holandeses, que pena!!!!) trazia nas mãos seu buquê de noiva. Isso mesmo, eles resolveram se casar no Cabo da Boa Esperança (não havia um padre ou um juiz de direito ou coisa que o valha, mas aquilo era sim um casamento). Assim que a sessão de fotos terminou, eles chegaram até o estacionamento, receberam os cumprimentos de algumas pessoas que estavam por ali e foi então, que eu vi o carro antigo, todo enfeitado de fitas vermelhas que aguardava os nubentes. Não é mesmo demais? Se a gente visse isso num filme de Hollywood acharia um pouco demais, mas aconteceu, eu juro.



Para o retorno, tomamos o lado leste da península, sentido no qual a reserva avança até o litoral, o que ajuda a explicar porque há pouca urbanização e áreas utilizadas

como balneários, embora o mar seja menos “tormentoso” nessa face. Mesmo assim, pudemos ver duas formas de ocupação bastante diferentes entre si e que merecem referência.

Uma delas é Simon’s Town, que existe desde o século XVIII, porque a Companhia Holandesa das Índias Orientais, observando os fortes ventos mais ao sul da península e na sua face oeste, onde estavam os portos da companhia, resolveu ter outro ponto para atracamento de seus navios, no inverno. Simon’s Town, além disso, destaca-se pela preservação de um casario, em parte edificado em madeira, que se distingue pelo estilo vitoriano que lhe caracteriza, no que se refere às varandas e rendilhado das grades, misturado ao estilo holandês, como denotam as “empenas” já citadas em outra parte desse diário.

O outro destaque da faixa leste da Península do Cabo são as grandes extensões de terra, que originalmente compunham a Iziko Groot Constantia. Em 1685, Simon der Stel, tornou-se comandante do Cabo e recebeu da Companhia Holandesa das Índias Orientais essas terras às quais deu o nome de Constantia. Em 1712, com sua morte, a grande propriedade foi dividida em três e uma parte delas recebeu o nome de Groot Constantia e foi adquirida por Heidrick Cloete, em 1778, que nela fez várias edificações, que também se alteraram no decorrer do tempo, com novas empenas. Acabamos não visitando o museu que possibilita ver essas edificações porque o horário já não permitia, mas chamou atenção o fato de que as terras, originalmente doadas a Stel, não puderam compor a reserva de preservação do bioma quando ela foi delimitada, porque já era propriedade privada. Hoje, constituem-se uma área de grande valorização, tanto porque a disponibilidade é escassa na península por causa da reserva, quanto em razão de Constantia localizar-se, a menos de 30 km de Cape Town.

É fácil imaginar o que está ocorrendo com essa grande propriedade. Além da manutenção de parte dela para videiras e produção de vinhos associadas, e dos vários restaurantes e *guest houses*, que estão ao longo da rodovia, há hoje uma séria de

áreas residenciais fechadas (provavelmente em regime condominial), todas de acesso controlado. É impressionante andar pela rodovia e ver os muros em sequência, intercalados por um ou outro uso do solo. Trata-se de uma área que pode, à primeira vista, ser conceituada como uma área de urbanização difusa, como Monclús e Dematteis desenvolveram esse conceito, tanto porque não se nota descontinuidade espacial, do ponto de vista da circulação em relação à Cape Town, quanto pelo fato de que se mesclam usos da terra associados a atividades do campo (como a produção de uvas) a usos tipicamente concernentes à cidade, como o *habitat* concentrado, que esses novos empreendimentos propiciam. O que se pode perguntar, a partir dessa conceituação é se, de fato, há ali vida rural, ou seja, se campo e cidade não se articulam e se sobrepõem compondo, uma vida tipicamente do tipo urbano.

Acabamos almoçando na área da propriedade, no restaurante Peddars on the Bend que, como todos os outros, tinha um pub, grandes salas na parte interna e um pátio com mesas sob árvores.



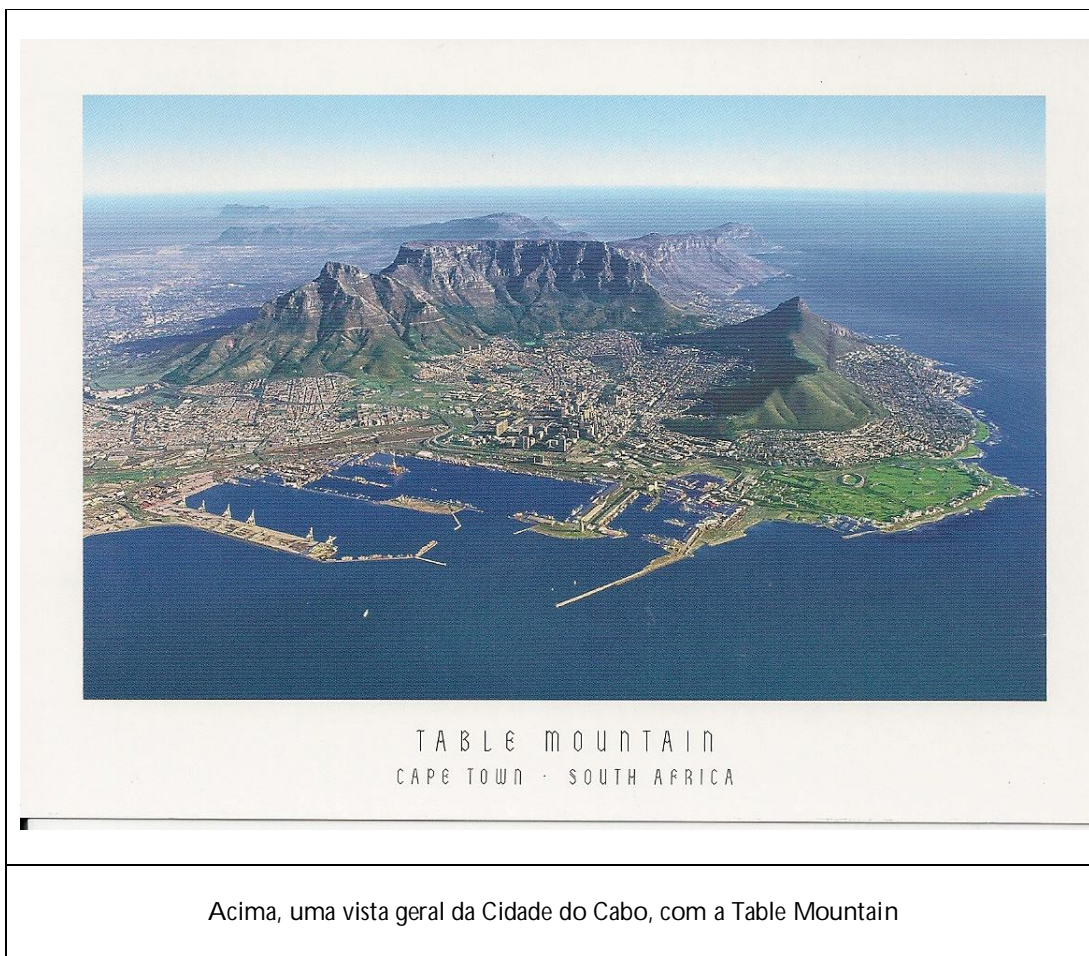
Chegamos a Cape Town, ao final do dia, bastante cansados pela longa jornada. E aproveitei para fotografar um táxi que estava parado próximo ao nosso hotel só para registrar essa peculiaridade: eles são todos pintados com marketing de empresas e

alguns são até bonitos, porque as propagandas dão um colorido todo especial a esses veículos, quando eles estão circulando entre os outros carros na cidade. Aliás, esse me lembra outra peculiaridade das cidades sulafricanas: o transporte coletivo não é feito, pelo que vimos, por ônibus, mas sim por vans. Elas estão por toda parte, são ágeis e param em determinadas esquinas anunciando para que bairros estão se dirigindo. Não se trata, salvo engano, de transporte alternativo, mas sim do transporte principal. Às 17h, o centro de Cape Town começa a “morrer”: as lojas vão se fechando e atrás delas, bares, restaurantes e lanchonetes. As ruas ficam cheias de gente que está voltando para casa e muitos negros seguem cantando pelas ruas.



O dia seguinte em Cape Town começou com a subida à Table Mountain, ponto de vista recomendado para se ver toda a baía e a cidade olhando para ela. Vai-se de automóvel até um ponto bastante elevado e todo o percurso favorece o registro de fotos. A partir desse ponto ao qual se chega de carro, pode-se ir adiante de teleférico, mas esse serviço estava paralisado naquele dia, porque o topo da montanha estava totalmente encoberto, como permaneceu o restante do dia, para

decepção do Eliseu. A bruma que cobria a Table Mountain também nos dificultava a obtenção de boas fotos, mas por meio dessa série, é possível registrar, em primeiro lugar, o sítio urbano bem delimitado entre a montanha e o mar; em segundo lugar, observa-se que a cidade não é muito verticalizada, ou melhor, que sua verticalização está bem restrita à área central e à beira mar.









Como havíamos avistado o estádio que está sendo construído para a Copa, já descemos a Table Mountain, à procura dele. Trata-se de uma construção bonita, leve e clara, que está em sua fase final de construção, como vimos em relação ao estádio de Port Elizabeth.



Acima e ao lado, fotos do Cape Stadium, com o Eliseu todo, todo....

Na página seguinte, uma vista do estádio, tomada do alto da Table Mountain



Passamos por um pequeno centro comercial, onde havia um bom número de lojas com produtos de artesanato e arte africanas. Seguíamos a indicação do guia, procurando a loja Art of África que lá estava. Os preços eram altos, para o que podíamos e pretendíamos gastar, mas as peças eram realmente maravilhosas – adquirimos 70 cm de um bonito tecido, com a ideia de fazer um painel para a casa nova.

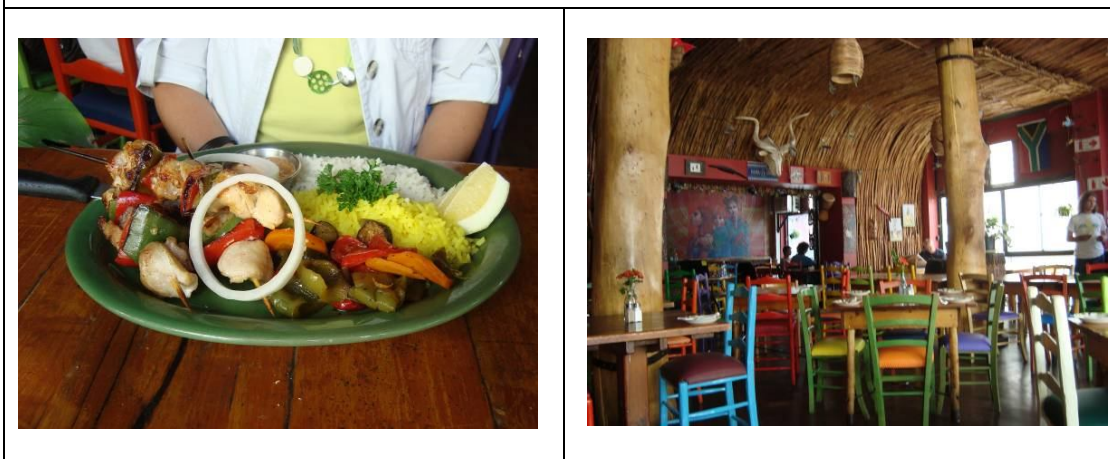
O almoço foi num típico restaurante africano – o Mama África – que se localiza numa área pericentral, onde há várias lojas de antiguidades, de *vintage*, *pubs*, pequenos restaurantes e comércio ambulante. Ali se misturava o nativo, no seu dia a dia, ao turista, sobretudo o europeu. Não se trata de um bairro contemplado nos roteiros turísticos, por isso nada de vans com japoneses e seus maravilhoosooooos equipamentos fotográficos.

Pedimos explicações à garçonete, para que nos ajudasse a escolher algo bem típico. Eliseu ficou com um filé mais tradicional, mas eu arrisquei carne de crocodilo. Muito

bom! Como no Brasil, a comida veio acompanhada de feijão (mas sem caldo) e de arroz (mas sem sal e com curry) e as porções eram muito fartas. Foi preciso uma cochilada de meia hora no hotel para enfrentar o restante da tarde.



Acima, a fachada do Mama África e o sugestivo cartaz que eles penduraram na parede. Abaixo, meu crocodilo e uma vista geral do restô.



Minha suposição é de que Cape Town é bem visitada por turistas, porque há muitas informações que servem a essa “tribo” e, no geral, se vê gente passeando pelas ruas, observando a cidade, lado a lado, com os que nela moram e trabalham. Num fim de tarde, sentamos um pequeno pub/restaurante para um café e uma coca-cola. O

garçon que nos atendeu era colombiano e estava por seis meses, em Cape Town com a finalidade de aprender inglês. Conversou um pouco, informou que estava querendo ficar mais tempo que o planejado etc. Ali sentados, assistimos muitos turistas, no final de tarde, pararem para ver os preços no menu exposto logo à entrada. Pelas línguas que falavam, algumas familiares aos nossos ouvidos, outras bem estranhas, fiquei a me perguntar o que levaria cada uma daquelas pessoas à África do Sul.



Na porta de muitos restaurantes, na área central e pericentral de Cape Town, havia esses bonecos negros esculpidos em madeira, nos quais se apóia o cardápio completo. Aliás, eles também eram oferecidos em vários tamanhos nas lojas de artesanato e *souvenirs*.

À esquerda, o boneco do pub, onde estávamos. Na página seguinte, alguns turistas que passavam e observavam o cardápio, sob a espreita e torcida da garçonete.

O interessante dessa foto abaixo, a meu ver, é notar o boneco negro, a garçonete igualmente negra, todos a serviço dos turistas brancos, refazendo, sem mudar de fato, as relações entre metrópole e colônia que marcam toda a formação social da África do Sul.



O tempo programado para Cape Town foi muito pequeno, diante do que ela parece oferecer. Não tivemos oportunidade de conhecer o Jardim Botânico, muito recomendado, nem o forte, que só avistamos por fora e de longe, por isso dedicamos nossas últimas horas de sol nessa cidade para andar a pé pelo centro, percorrer a feira que há diariamente na praça da catedral, fotografar alguns prédios e voltar exaustos para o hotel.



Acima, a fachada da sede do governo municipal e uma sequência de construções, nas quais se vêem as empenas, típicas do estilo holandês. Na página seguinte, fachada de uma das edificações que compõe a Biblioteca Nacional e o forte visto de fora.



Abaixo, à esquerda, uma escultura que nos estimula pensar na influência estadunidense sobre a cultura africana. À direita, Eliseu diante de uma das fênix que compõem o paisagismo da cidade.

